O lugar da História na livraria de D. Teodósio I, duque de Bragança

The place of History in the library of D. Teodósio I, duke of Braganza

Ana Isabel Buescu *
Universidade Nova de Lisboa

Resumo

A livraria do 5º duque de Bragança, D. Teodósio (†1563) foi a maior livraria nobiliárquica portuguesa do Renascimento, e uma das maiores da Europa do tempo. O inventário da livraria integra o inventário de todo o património da Casa do duque, elaborado após a sua morte, em 1563. Apresentaremos, em visão panorâmica, os conteúdos da livraria no seu conjunto, para nos centrarmos nos livros de História, desde sempre matéria presente nas livrarias régias e senhoriais desde a Idade Média, e que assumem, com a Teologia e o Direito, uma expressão cimeira na livraria ducal.

Palavras-chave: D. Teodósio I; inventário de bens; livraria; História; Renascimento.

Abstract

The library of D. Teodósio I ((†1563), 5th duke of Bragança, was the largest aristocratic library in Portugal in the Renaissance, and one of the larger in Europe in its time. The inventory of the books is part of the inventory of the household of D. Teodósio, made after his death, in 1563. After a brief overview on the library as a whole, we will center our attention on the History books. Since the Middle Ages, History had its own and relevant place in aristocratic libraries, as it happens, along with Theology and Law, in this Portuguese Renaissance library.

Keywords: D. Teodósio I; inventory of household; library; History; Renaissance.

● **Enviado em: 23/11/2016**
● **Aprovado em: 27/06/2017**

* Ana Isabel Buescu, doutora em História, é professora na FCSH-UNL e Investigadora Integrada do Centro de História de Aquém e de Além-Mar (CHAM/UNL-UAç). Principais domínios científicos: História de Portugal Moderno, educação de príncipes, cultura de corte, livrarias régias e aristocráticas, cerimónias régias e história biográfica. http://www.cham.fcsh.unl.pt/files/file_000992.pdf.

No quadro das dinâmicas culturais no século XVI, era na corte régia e nos círculos da aristocracia que a inovação cultural e as ligações, nomeadamente ao mundo do humanismo italiano e à Flandres nas suas diferentes manifestações culturais e artísticas, ocorriam em Portugal de forma mais nítida[1]. Foi Luís de Matos quem, em 1955, chamou a atenção para esse outro centro polarizador e dinamizador de cultura que foi a corte de Bragança, a segunda casa mais poderosa após a real. No estudo intitulado *A Corte literária dos duques de Bragança no Renascimento*, Luís de Matos realçava o papel da Casa de Bragança, e em particular da corte alentejana de Vila Viçosa, no panorama cultural do reino português no século XVI. Percorrendo nomes e figuras, acções de mecenato, protecção de artistas e recrutamento de eruditos, Luís de Matos traçava um eloquente retrato da acção e da irradiação cultural promovida pelos duques de Bragança durante o Renascimento[2].

No século XVI a função social dominante da nobreza era, ainda, a guerra, com todo o prestígio simbólico que lhe era associado, mas com as *armas* concorriam agora as *letras,* num *topos* cuja fortuna, como há muito foi constatado por Curtius, foi essencialmente latina e ibérica[3]. A distinção da cultura através do livro fazia o seu caminho nos círculos aristocráticos, para lá do livro iluminado, rico e singular, bem conhecido, estimado e produzido à sombra do mecenato da nobreza desde a Idade Média[4]. Longínquo se ia tornando o monopólio clerical sobre a cultura escrita, que encontrara também na corte um lugar cada vez mais destacado e, também ele, associado ao poder e à magnificência do príncipe. Como a actual historiografia tem sublinhado, as bibliotecas, além da sua função específica como instrumento e veículo de leitura, eram objecto de representação, de distinção e até de emulação[5]. A ligação entre entre as grandes colecções aristocráticas de livros e os poderes nobiliárquicos no quadro, para o caso espanhol, da projecção do poder imperial, tem sido amplamente destacado[6].

---

1 *Portugal e Flandres. Visões da Europa (1550-1680)*, Lisboa, Instituto Português do Património Cultural e Mosteiro dos Jerónimos, 1992; LOWE , K. J. P. (ed.), *Cultural Links between Portugal and Italy in the Renaissance,* edited by, Oxford, Oxford University Press, 2000.

2 MATOS, Luís de. *A Corte literária dos duques de Bragança no Renascimento,* Lisboa, Fundação da Casa de Bragança, 1956.

3 CURTIUS, Ernst Robert*. La littérature européenne et le Moyen Age latin,* 2 vols., Paris, PUF, 1986.

4 ROBIN, Françoise. "Le luxe des collections aux XIVe et XVe siècles*"*, *in Histoire des bibliothèques françaises,* I – *Les bibliothèques médiévales. Du Ve siècle à 1530*, dir. André Vernet, Paris, Promodis,1989, pp. 93-213.

5 PEÑA DIAZ, Manuel. "El espejo de los libros: Lecturas e lectores en la España del Siglo de oro", in *La cultura del libro en la Edad Moderna. Andalucía y America*, coord. Manuel Peña Díaz, Pedro Ruíz Pérez, J. Solana Pujalte, Córdoba, Universidad de Córdoba, 2001, pp. 148-149.

6 LÓPEZ-VIDRIERO, María Luisa. "Encomio y gloria: brillo imperial del Milanesado en los libros italianos de las colecciones de Fryas y Gondomar", in *Mecenazgo y humanidades en tempos de Lastanosa. Homenage a Domingo Ynduráin, Aurora Egido y José Enrique Laplana* (eds.), Zaragoza, Instituto de Estudios Altoaragoneses, Institución "Fernando el Católico", 2008, pp. 303-448.

Sendo que não cabe aqui pormenorizar outros aspectos igualmente importantes evocados por Luís de Matos, centremo-nos na livraria do duque de Bragança, ao tempo do seu 5º representante, D. Teodósio, filho do duque D. Jaime († 1532) e de D. Leonor de Mendoza (Medina Sidonia) (†1512). A composição da livraria do duque, apesar de desaparecida, não era desconhecida, e foi objecto de estudos panorâmicos de Aires Augusto Nascimento[7], que deram conta da sua magnitude e importância. Mas é no âmbito do actual Projecto dirigido por Jessica Hallett, e no quadro do estudo sistemático de todo o património da Casa de Bragança no século XVI, que a livraria brigantina tem sido estudada e os seus conteúdos tanto quanto possível identificados[8].

Antes de focarmos a nossa atenção no objecto central deste texto, será necessário avaliar a dimensão da livraria ducal em perspectiva comparada, a sua posição relativa perante os restantes bens inventariados por morte do duque, e finalmente apresentar, em visão panorâmica, os conteúdos da livraria no seu conjunto.

A dimensão da livraria de D. Teodósio I. Breve perspectiva comparada

Esse processo de identificação de uma livraria de que, como sublinhou Luís de Matos, nada resta, a não ser, de forma esparsa, alguns dos seus livros em bibliotecas nacionais, é feita a partir do traslado seiscentista do inventário do património brigantino realizado após a morte de D. Teodósio em 1653, que inclui c. de 6000 itens, dos quais c. 1600 são livros. "*Sem dúvida a maior biblioteca portuguesa no século XVI, depois da biblioteca 'romana' de Aquiles Estaço*"[9]. O estudo de uma livraria, quer na Idade Média quer na Época Moderna, para além dos números absolutos das obras que a integram, tem de atender, numa primeira análise, à sua dimensão, numa perspectiva comparada, no caso vertente com outras livrarias nobiliárquicas e régias suas contemporâneas. Tal perspectiva não tem a pretensão de ser

7 NASCIMENTO, Aires A. «A livraria de D. Teodósio I, Duque de Bragança», *Congresso de História no IV Centenário do Seminário de Évora. Actas,* Évora, Instituto Superior de Teologia — Seminário Maior de Évora, 1994, vols. I-II, pp. 209-220; IDEM, "Erudição e livros em Portugal, ao tempo de Arias Montano: a biblioteca do Duque de Bragança", in José Maria Maestre Maestre, Eustaquio Sánchez Salor, Manuel Antonio Diáz Gito, Luis Charlo Brea, Pedro Juan Galán Sánchez (eds.*), Benito Arias Montano y los humanistas de su tiempo,* Mérida, 2006, pp. 723-749.

8 Arquivo Histórico da Casa de Bragança, BDMII Res Ms 18 – *Inventário dos Bens do 5º Duque de Bragança, D. Teodósio I* [1564-1567; cópia de Lisboa, 15 de Dezembro de 1665; 657 fls.]; transcrição de Joana Torres, revisão de Hugo Crespo, no âmbito do projecto PTDC/EAT-HAH/098461/2008, cijos resultados globais aguardam publicação.

9 PEREIRA, Belmiro Fernandes. "Duas bibliotecas humanísticas: alguns livros doados à Cartuxa de Évora por Diogo Mendes de Vasconcelos e por D. Teotónio de Bragança", *Humanitas,* 1995, vol. XLVII, p. 846. Aquiles Estaço († 1581), prestigiado humanista e latinista português, viveu mais de 20 anos em Roma e a sua livraria constituiu o núcleo inicial da célebre biblioteca *Vallicelliana* de Roma. CARDOSO, Arnaldo Pinto. *Presença Portuguesa em Roma*, Lisboa, Quetzal, 2001, p. 74 e p. 80.

exaustiva, mas visa, através de exemplos concretos, ajudar a inserir a livraria de D. Teodósio no seu tempo, possibilitando conclusões sobre a sua real dimensão em contexto histórico. Vejamos, pois, este aspecto de forma breve.

No que respeita aos reis de Portugal, na transição para o século XV, sabemos que D. João I (†1433), o fundador da dinastia de Avis, possuía cerca de vinte livros. A livraria do seu filho e sucessor D. Duarte (†1438)[10] ultrapassava em pouco os oitenta títulos, o que faz dela, em termos comparativos e mesmo tendo em conta possíveis ausências, uma biblioteca do seu tempo. A livraria do infante D. Fernando (†1443), irmão de D. Duarte, continha quarenta e quatro códices[11], o inventário dos livros do condestável D. Pedro (†1466), filho do infante D. Pedro, e que governou Aragão entre 1464 e 1466, inclui noventa e seis títulos[12].

Por seu turno, D. Manuel (†1521) tinha c. de 100 livros na sua guarda-roupa, embora fosse certo que possuía uma livraria de maior escala[13]. Sendo embora a única lista de livros do monarca que chegou até nós, o próprio Sousa Viterbo adverte para o facto de o inventário da guarda-roupa do rei não reflectir de forma fiel o seu conteúdo, uma vez que em 1517, por ocasião da morte da sua segunda mulher, a rainha D. Maria, o rei havia feito partilhas entre os seus numerosos filhos, onde entraram muitos bens móveis, entre os quais, também livros[14]. Quando morreu, no final de 1521, D. Manuel era tido como "*homem que muito folgou com livros e em sua guarda-roupa per sua morte ficaram livros tantos que todos seus filhos ficaram cheios deles*"[15]. Os conteúdos da livraria régia, que só conhecemos parcelarmente, não permitem aferir de forma global da produção de livros na época de D. Manuel. No presente enviado ao *Negus* da Abissínia em 1514 pelo monarca português, incluíam-se, entre muitas

10 Inventário publicado sucessivamente por BRAGA, Teófilo. *Historia da Universidade de Coimbra nas suas relações com a Instrucção Publica Portugueza*, I – *1289-1555*, Lisboa: Typ. Academia Real das Sciencias, 1892, pp. 209-228; PIEL, Joseph. Ed. crítica do *Leal Conselheiro* de D. Duarte, 1942, pp. 414-416, com base na cópia seiscentista da BNP (cod. 3390); DIAS, João J. Alves. D. Duarte, *Livro dos Conselhos de El-Rei D. Duarte (Livro da Cartuxa)*, ed. diplomática com transcrição de João J. Alves Dias, Introdução de A. H. de Oliveira Marques e João J. Alves Dias, Lisboa, Estampa, 1982, pp. 206-208.

11 Rol publicado em *As Gavetas da Torre do Tombo*, Lisboa, 1968, VI, gav. XVI, 2-13, pp. 186-202. DANTAS, Júlio. "A livraria do Infante Santo", *Anais das Bibliotecas e Arquivos*, Abril-Junho 1921, 2, nº 6, pp. 101-109; RICARD, Robert. "Les lectures spirituelles de l'infant Ferdinand de Portugal (1437)", in *Études sur l'Histoire Morale et Religieuse du Portugal*, Paris, Fondation Calouste Gulbenkian/Centre Culturel Portugais, 1970, pp. 53-61.

12 BRAGA, Teófilo.*Op.cit.*, pp. 232-234; VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de. "Apêndices" da ed. de D. Pedro, *Tragedia de la Insigne Reina Doña Isabel*, 2ª ed., Coimbra, Imprensa da Universidade, 1922, pp. 121-144.

13 "Inventario da Guarda-Roupa de D. Manuel", publ. por FREIRE, Anselmo Braamcamp in *Archivo Historico Portuguez* 1904, II, pp. 381-417. Embora seja certo que a sua livraria era mais ampla, este é o único inventário em que encontramos referência aos livros de D. Manuel. A parte relativa aos livros fora já publicada por VITERBO, Francisco de Sousa. "A livraria real especialmente no reinado de D. Manuel", *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, 1902, IX, Parte I, pp. 1-73.

14 VITERBO, Francisco de Sousa. *Op. cit.*, p. 10.

15 CORREIA, Gaspar. *Crónicas de D. Manuel e de D. João III (até 1533)*, Leitura, Introdução, Notas e Índice por José Pereira da Costa, Lisboa, Academia das Ciências 1992, p. 174.

outras obras, "*mil cartinhas*" para aprender a ler, "*doze cathaçismos*" – provavelmente o *Catecismo Pequeno* do bispo de Ceuta D. Diogo Ortiz impresso em Lisboa em 1504 - "*vimte flos samtorum*", "*trimta liuros da vida dos martires* [...]"[16]. No caso das *Ordenações*, o número de exemplares da edição de 1512-13, composta por cinco volumes, foi de mil exemplares[17]. É portanto forçoso concluir que a produção de livros atingia então, embora em casos precisos e restritos, uma dimensão considerável, e se articulava, de forma dominante, quer com a difusão dos poderes régios, como é o caso das *Ordenações*, quer com a alfabetização e a evangelização no quadro do processo expansionista, o que explica, no exemplo citado, o predomínio absoluto de livros religiosos e de aprendizagem da língua portuguesa[18].

Outros exemplos, para Portugal, quer no caso de bibliotecas monásticas quer individuais, de altos dignitários eclesiásticos, ou de letrados confirmam, com algumas relativas excepções, a exiguidade das colecções. A biblioteca de Alcobaça, a maior do país, continha 500 códices, a de Santa Cruz de Coimbra algumas centenas[19]. Em Coimbra, antes da transferência definitiva da Universidade em 1537, existia uma biblioteca ligada aos estudos universitários – a *Livraria do Estudo* - bastante modesta, não chegando à centena de títulos, a maioria manuscritos. Um inventário realizado por ocasião de um diferendo ocorrido em 1513 faz a descrição sumária de 70 livros, a que acresciam 58 volumes legados em 1508 por Diogo Lopes, lente de cânones. Na década de 1530, esse conjunto de livros não ultrapassava os 120[20]. Com o aparecimento da tipografia, as livrarias privadas foram crescendo, mas ao longo do século XVI, mesmo dentro das elites, a sua dimensão permanece, em geral, relativamente modesta[21].

---

16 BARRETO, J. A. da Graça. "Presentes de D. Manuel ao Preste João e seu Embaixador", in *Boletim de Bibliographia Portugueza e Revista dos Archivos Nacionaes*, 1879, 2, nºs 1 e 2, pp. 17-23 e pp. 49-59.

17 DIAS, João José Alves. "Introdução" às *Ordenações Manuelinas*. Livros I a V. Reprodução em fac-símile da edição de Valentim Fernandes (Lisboa, 1512-1513), Lisboa, Centro de Estudos Históricos da UNL, 2002, pp. XXIII-XXIV. Arquivo Nacional da Torre do Tombo (=ANTT), *Corpo Cronológico* (*CC*), P.1, mç.16, doc. 320 de 3/10/1514-09/10/1514. Alvará de D. Manuel I autorizando que a Casa da Índia entregue a Valentim Fernandes especiarias no valor de 300 mil réis, resto de 700 mil réis, da impressão dos 5 mil livros dos cinco livros das *Ordenações.*

18 BUESCU, Ana Isabel. "Livros e livrarias de reis e de príncipes entre os séculos XV e XVI. Algumas notas", in *Na Corte dos Reis de Portugal. Saberes, ritos e memórias*, 2ª ed., Lisboa, Colibri, 2011, pp. 72-73. Por carta de 8/6/1517, o rei do Congo pedia a D. Manuel o envio, entre outros objectos, de cruzes, uma custódia, retábulos e breviários, para a sua capela real. ANTT, *CC*, P. I, mç. 22, doc. 5.

19 CARVALHO, Joaquim Teixeira de. *A livraria do Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra: estudo dos seus catálogos, livros de música e coro, incunábulos*, Coimbra, Imprensa de Universidade, 1921.

20 BARBOSA, José de Abreu. "A Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra", in *ICALP. Revista do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa*, Junho-Setembro 1989, nºs 16-17, p. 162.

21 V. os exemplos arrolados por OLIVEIRA MARQUES, A.H. de. *Nova História de Portugal*, dir. A.H. de Oliveira Marques e Joel Serrão, IV - *Portugal na Crise dos séculos XIV e XV,* dir. A. H. de Oliveira Marques, Lisboa, Presença, 1986, pp. 420-421. V. ainda NASCIMENTO, Aires Augusto. "Circulação do livro manuscrito", in *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, org. e coord. Giulia Lanciani e Giuseppe Tavani, Lisboa, Editorial Caminho, 1993, pp. 155-159.

Num horizonte europeu, e ainda para os séculos XV e XVI, evoquemos o exemplo de um dos maiores coleccionadores e amantes de livros da transição do século, o duque de Berry (†1416), cuja biblioteca, que integrava alguns dos mais extraordinários manuscritos da iluminura europeia, não ultrapassava, entre livros profanos e livros religiosos e de devoção, cerca de cento e cinquenta volumes[22]. Excepcional em termos europeus para a segunda metade do século XV era a biblioteca do rei Afonso V de Aragão, Sicília e Nápoles (†1458),o *Magnânimo*, mecenas do humanismo e das artes, que incluía mais de 1000 volumes[23], e foi sendo enriquecida pelos seus sucessores. Por seu turno, apesar de se ter iniciado na latinidade e no mundo da cultura já em idade madura, pois não nascera para ser rainha, Isabel *A Católica* († 1504), tocada pela renovação cultural que chegava a Castela proveniente de Itália e da Flandres, no contexto da afirmação da arte tipográfica no reino e abrindo a sua corte a humanistas como Lucio Marineo Sículo e o milanês Pietro Martir d'Anghiera (†1526), reuniu uma biblioteca de 400-500 volumes[24].

Situando-nos agora num outro espaço geográfico, uma referência particular é devida a Matias Corvino (†1490), rei da Hungria, em virtude da biblioteca que possuiu, a famosa *Bibliotheca Corviniana*, uma das maiores colecções europeias da segunda metade do século XV, que terá alcançado c. de 2 500 obras (das quais sobreviveram pouco mais de 200), incluindo livros iluminados de teor religioso, mas também grande profusão de crónicas, biografias de homens ilustres, obras de geografia, medicina e cosmologia, bem como, evidenciando o seu interesse pela cultura do Renascimento italiano, traduções de clássicos gregos e romanos. Um caso excepcional, portanto.

O panorama relativo à aristocracia era, à sua escala, também eloquente sobre a dimensão das livrarias, em que é visível uma natural oscilação. Respiguemos alguns exemplos para o caso espanhol, mais ou menos coevos do período que nos interessa, e que particularmente nos interessa dados os estreitos vínculos familiares da casa de Bragança com a alta aristocracia espanhola, embora sem um propósito de exaustividade: Alonzo Pimentel (†

22 LONGNON, Jean e CAZELLES, Raymond. «Introduction» a *Les Très Riches Heures du Duc de Berry*. Avant-propos de Charles Samaran, Introduction et légendes de Jean Longnon e Raymond Cazelles, 4ª ed., Chantilly, Musée Condé e Paris, Draeger-Vilo, 1981, pp. 5-23.

23 GOMES, Saul António. *D. Afonso V, o Africano*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2006, p. 152. Sobre a livraria régia, pp. 151-158. Sobre Nápoles no Renascimento, BENTLEY, J. H. *Politics and Culture in Renaissance Naples*, Princeton, Princeton University Press, 1987, pp. 3-46. COLE, Alison. "Piété et propagande: Naples sous Alfonso de Aragon", in *La Renaissance dans les cours italiennes*, Paris, Flammarion, 2008, pp. 45-65. LOPEZ-RIOS, Santiago. "A new inventory of the royal Aragonese Library of Naples", *Journal of the Warburg and Courtauld Institutes*, 2002, LXV, pp. 201-242.

24 GIL FERNÁNDEZ, Luis. "El humanismo en Castilla en tempos de Isabel la Católica", in *Arte y cultura en la época de Isabel la Católica,* ed. Julio Valdéon Baruque, Valladolid, Ámbito Editiones, 2003, pp.15-75; LÓPEZ-VIDRIERO, María Luisa. "La imprenta y los libros", in *ibidem,* pp. 111-133; VAL VALDIVIESO, Maria Isabel del. "Isabel la Catolica en el contexto cultural de su tiempo", in *ibidem*, pp. 369-389.

1461), 3º conde de Benavente, senhor de uma das mais destacadas casas aristocráticas castelhanas, deixou uma livraria com 126 volumes, considerada, a par da de Iñigo López de Mendoza, marquês de Santillana (†1458), personagem-chave da literatura castelhana pré-renascentista, como a mais emblemática das livrarias nobiliárquicas da segunda metade do século XV[25]. Fernando Álvarez de Toledo, 1º conde de Oropesa, falecido no mesmo ano da rainha Isabel, possuía 43 volumes, e o seu sucessor, Francisco Álvarez de Toledo (†1542), 67[26]. A biblioteca de D. Fradique Enríquez de Ribera,1º marquês de Tarifa (†1539), grande amante das letras e muito próximo dos círculos humanistas e letrados, reunia c. 260 obras, de acordo com inventário realizado em 1532,"*número bastante elevado para la época y categoria social de su propietario*[27]. Para um período exactamente coevo de D. Teodósio, o inventário do património do seu tio Juan Alonzo de Guzmán (†1558), 6º duque de Medina Sidonia[28] incluía uma livraria de cerca de 250 obras[29]. Por seu turno, Diego Hurtado de Mendoza (†1560), conde de Saldaña, ainda aparentado com o marquês de Santillana, primogénito e herdeiro da Casa do Infantado e de Ceñete, embora não viesse a herdar o ducado, constituiu ao longo de uma vida com evidentes interesses intelectuais, uma biblioteca pessoal de 120 livros[30].

Voltando à realeza, a "*librería rica*", constituída pelos livros particulares e pessoais de Filipe II (†1598), uma das mais importantes livrarias régias da época de um monarca bibliófilo, continha cerca de 1500 volumes. A sua quase totalidade foi cedida pelo soberano ao mosteiro do Escorial, e esteve na base da constituição da biblioteca escurialense[31], sempre acrescida dos livros, manuscritos e impressos, que os agentes de Filipe II obtinham um pouco por toda a Europa, e também em Portugal.

No que respeita à França, durante toda a Idade Média os reis possuíram livros, mas o primeiro que teve uma verdadeira livraria, S. Luís, decidiu reparti-la por vários conventos quando morreu em 1270. Seria necessário esperar por Carlos V (†1380), que organizou uma

25 Inventários publicados por BECEIRO PITA, Isabel. *Libros, lectores y bibliotecas en la España medieval*, Murcia, Nausícaä, 2007, pp. 401-436.

26 *Ibidem*, p. 437, e inventário, pp. 462-468; idem, "La Biblioteca del conde de Benavente a mediados del siglo XV y su relación com las mentalidades y usos nobiliários de la época", in *En la España medieval.* II - *Estudios en memoria del professor D. Salvador de Moxó,* Madrid, Univ. Complutense, 1982, pp. 136-145.

27 ALVAREZ MARQUEZ, M. Carmen. "La biblioteca de Don Fradique Enríquez de Ribera, I Marqués de Tarifa", in *Historia, Instituciones, Documentos*, 13, Sevilla, 1986, p. 3.

28 O 6º duque de Medina Sidonia era meio-irmão de D. Leonor (ambos filhos do 3º duque, Juan Alonzo de Guzmán, de dois casamentos diferentes), mãe de D. Teodósio, e portanto tio do 5º duque de Bragança.

29 SERRÃO, Vitor. *Frescos maneiristas do Paço de Vila Viçosa, Parnaso dos Duques de Bragança (1536-1640)*, Lisboa, Fundação da Casa de Bragança, 2008, p. 81.

30 GONZÁLEZ RAMOS, Roberto. "Imágenes, libros y armas. Tipología y significado de los bienes de Diego Hurtado de Mendoza, conde de Saldaña y marqués del Cenete (1520-1560)", in *Anuario del Dep. de Historia y Teoria de Arte,* 2009, vol. 21, p.33.

31 SÁNCHEZ-MOLERO, José Luis Gonzalo. *La "Librería rica" de Felipe II. Estudio histórico y catalogación*, Madrid, Ediciones Escurialenses, 1998.

biblioteca enriquecida com 1000 manuscritos, que legou ao seu sucessor: foi a primeira vez, em França, que uma livraria régia era concebida como um bem inalienável e transmissível aos seus descendentes, não sendo dividida com o desaparecimento do monarca, embora depois várias vicissitudes políticas tenham levado à sua dispersão[32]. Assim, é bem mais tarde o rei Luís XII († 1515) que é geralmente considerado como o verdadeiro fundador da biblioteca régia francesa, conferindo-lhe uma existência institucional ao ordenar, provavelmente em 1501, a reunião num mesmo espaço – o palácio de Blois – das colecções herdadas da sua família e do monarca que o antecedeu, Carlos VIII (†1498)[33]. De acordo com um inventário de 1518, reinando já Francisco I (†1547), que orientaria a sua predilecção para o palácio de Fontainebleau, onde mais tarde mandou instalar a biblioteca régia numa belíssima galeria do palácio, a biblioteca de Blois incluía 1890 espécies[34], progressivamente enriquecida por novas aquisições ordenadas pelo rei a humanistas e embaixadores, nomeadamente em Itália[35].

Em Inglaterra, a primeira biblioteca régia data provavelmente do reinado de Eduardo IV (†1483), e foi sendo acrescentada pelos monarcas seguintes. A livraria de Henrique VII (†1509), primeiro rei da dinastia Tudor, incluía cerca de 170 obras, das quais 70 pertenceram ao monarca. No século XVI, existiam colecções dispersas de livros nos vários palácios reais de Westminster, Richmond, Greenwich, Hampton Court, Windsor e Whitehall. Pelo contrário, a biblioteca régia francesa no reinado de Francisco I consolidara-se e centralizara-se em Fontainebleau, e era em 1540 de maior dimensão do que a inglesa, apesar de no quadro do movimento reformista as colecções reais inglesas terem registado um substancial crescimento após 1527, com a incorporação de obras provenientes dos mosteiros extintos[36]. Para o reinado de Isabel I (†1603), o respectivo catálogo do ano de 1760 inclui mais de 1 600 livros, mas apenas 300 pertenceram à rainha. De uma forma geral, as colecções privadas não excediam então os 200 títulos, e as próprias livrarias institucionais de colégios como Oxford e Cambridge eram pouco representativas: em 1530, a livraria da Universidade de Cambridge

32 BALAYÉ, Simone. "La naissance de la Bibliothèque du Roi 1490-1664", in *Histoire des Bibliothèques françaises,* II – *Les Bibliothèques sous l'Ancien Régime: 1530-1789*, dir. Claude Jolly, Paris, Promodis, 1988, p.77. BLOCH, Denise. "La formation de la bibliothèque du roi", in *Histoire des bibliothèques françaises*, I, cit., p.311.

33 LAFFITE, Marie-Pierre e LE BARS, Fabienne. *Reliures Royales de la Renaissance. La Librairie de Fontainebleau, 1544-1570*, Paris, Bibliothèque Nationale de France, 1999, p. 11. Sobre a biblioteca régia de Blois, v. *Des livres et des rois. La bibliothèque royale de Blois*, ed. J. Baurmeister e M.P. Lafitte, Paris, Bibliothèque Nationale / Quai Voltaire Edima, 1992.

34 GADOFFRE, Gilbert. *La révolution culturelle dans la France des humanistes. Guillaume Budé et François Ier*, Genebra, Droz, 1999, p. 235.

35 BALAYÉ, Simone*. Op.cit*., p.79.

36 *Henry VIII. Man and Monarch*, cat. ed. Susan Doran, Exhibition guest curated by David Starkey, BA curator Andrea Clarke, Londres, British Library, 2009, pp. 275-276.

integrava entre 500 e 600 volumes[37]. Fora de qualquer escala ou latitude, temos de referir a célebre Colombina, biblioteca "universal" de Fernando Colón († 1539), filho do descobridor da América, com cerca de 15 000 volumes.

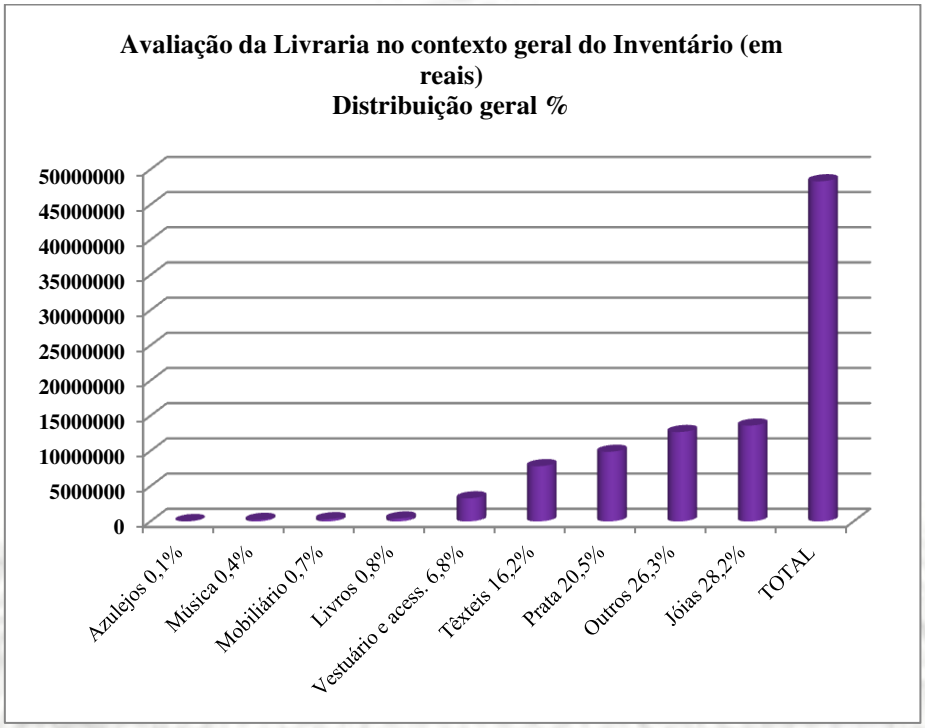
O caso da livraria de D. Teodósio é, pois, para o caso português, um caso único. Também em contexto quer peninsular quer europeu coevo é, como acabámos de sugerir, com a absoluta excepção da biblioteca colombina, uma grande livraria, sem dúvida a mais importante do Portugal de Quinhentos.

A livraria no contexto geral do inventário dos bens de D. Teodósio I

O estudo da livraria de D. Teodósio I não pode ignorar que ela se integra no conjunto mais vasto dos bens da casa de Bragança. Assim, é necessário também avaliá-la ainda numa perspectiva comparada, mas agora no interior do próprio inventário, para entender a posição relativa dos livros perante todos os outros *items* e categorias de objectos. No contexto geral de um inventário que integra c. de 6000 *items*, os livros são o objecto mais abundante, com um total de 1656 entradas, contando-se aqui com um conjunto de 82 livros que, de acordo com o inventário geral dos bens, se encontravam fora da livraria. Em termos percentuais, os livros alcançam mais de 25% do total dos objectos inventariados, seguindo-se os têxteis, que ocupam uma posição de destaque, ao alcançarem um número pouco inferior ao dos livros.

Se o critério for, pelo contrário, o de verificar quais as categorias de objectos a que é atribuído maior valor monetário, a situação inverte-se: aos 1574+82 livros é atribuído o valor de 410 245 reis, ou seja, 0,8% do total; se, por outro lado, somarmos o valor das jóias (13 617 925 reis – 28,2%), prata (9 890 665 reis – 20,5%) e têxteis (7 844 899 reis – 16,2%), concluiremos que apenas estas três categorias sumptuárias representam juntas 64,9% do total da avaliação dos itens inventariados.

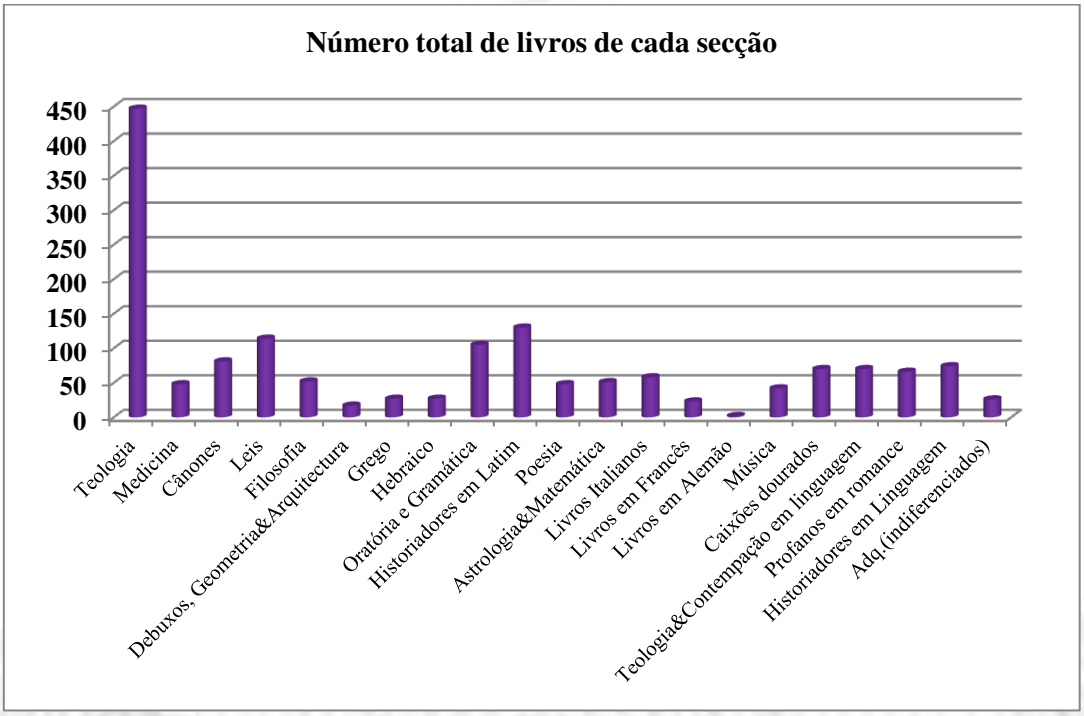
[37] BIRRELL, T. A. *English Monarchs and their Books: from Henry VII to Charles II,* Londres, British Library, 1987, p. 59.



Em suma, a quantidade dos livros no inventário é inversamente proporcional ao seu valor. Na realidade, o valor monetário que lhes é atribuído é um dos menores de todas as categorias constantes do inventário. O valor cultural, mas também patrimonial, que D. Teodósio conferia à sua livraria, contrastava com os critérios de elaboração de um inventário *post-mortem* que atendia ao valor material dos objectos e não ao valor intrínseco e *imaterial* de que o livro – não sendo um livro-jóia - era portador.

Organização das matérias e ordenação dos livros segundo o inventário

Estabelecida a dimensão da livraria numa perspectiva comparada e a sua inserção no contexto geral dos bens de D. Teodósio, daremos conta de seguida da sua estrutura e organização interna no que diz respeito às matérias e secções que integra. As grandes áreas da livraria são a Teologia, Medicina, Cânones, Leis, Filosofia, Livros de debuxos, Geometria e Arquitectura, livros Gregos e Hebraicos, de Oratória e Gramática, Historiadores em latim, Panos, Poesia, Astrologia e Matemática, livros Italianos, em Francês e Alemão, livros de música, "*Liurinhos que estam em tres caixoins pequeninos dourados*", teologia e contemplação em linguagem, livros profanos em romance e historiadores em linguagem.



A livraria de D. Teodósio I em contexto: apreciação de conjunto e linhas-de-força

Como vimos anteriormente trata-se, em termos de dimensão, da maior livraria portuguesa do tempo e, à escala europeia, de uma grande livraria do Renascimento. No que diz respeito aos conteúdos, constitui uma livraria tendencialmente "universal", que contempla os principais ramos do saber, tal como então eram concebidos e valorizados: da teologia aos cânones e às leis, da literatura religiosa e espiritual à profana, da arquitectura à poesia e à música, da filosofia à geografia e à história, da matemática à astrologia/astronomia e à arte militar e da guerra, unindo num todo coerente e estruturado muitos dos autores e obras maiores do Cristianismo e da Igreja, da cultura greco-latina e da sua própria época nas suas dominantes culturais, artísticas políticas e religiosas, mas também em algumas das suas tensões, como a da polémica religiosa, além de um número restrito mas significativo de obras em língua hebraica e de autores árabes, estes em particular entre as obras de medina, astrologia e matemática.

A noção que fica é que, na generalidade das secções, entre autores antigos e modernos, virtualmente todos os grande nomes e as obras fundamentais de cada saber – e portanto, também, muitos dos grandes lugares de edição e os grandes editores da época - se encontravam representados na actualizadíssima livraria da Casa de Bragança na primeira metade do século XVI.

Procurando sintetizar algumas das linhas-de-força que emanam da análise deste inventário, é indiscutível que se trata de uma livraria por um lado solidamente assente e inscrita numa tradição e num legado anterior, quer de cariz religioso e jurídico-normativo (teologia, cânones, leis) quer de uma memória cristalizada pela história (cronística), que se pretende conhecer não só para a Europa como para outros espaços geográficos. Por outro lado, é uma livraria muito actualizada e aberta aos vários rumos da cultura europeia, ao mundo e aos modelos do humanismo e do Renascimento nas suas mais diversas manifestações culturais e artísticas - literatura, arquitectura, discurso político - das correntes da espiritualidade, da polémica religiosa e da ciência.

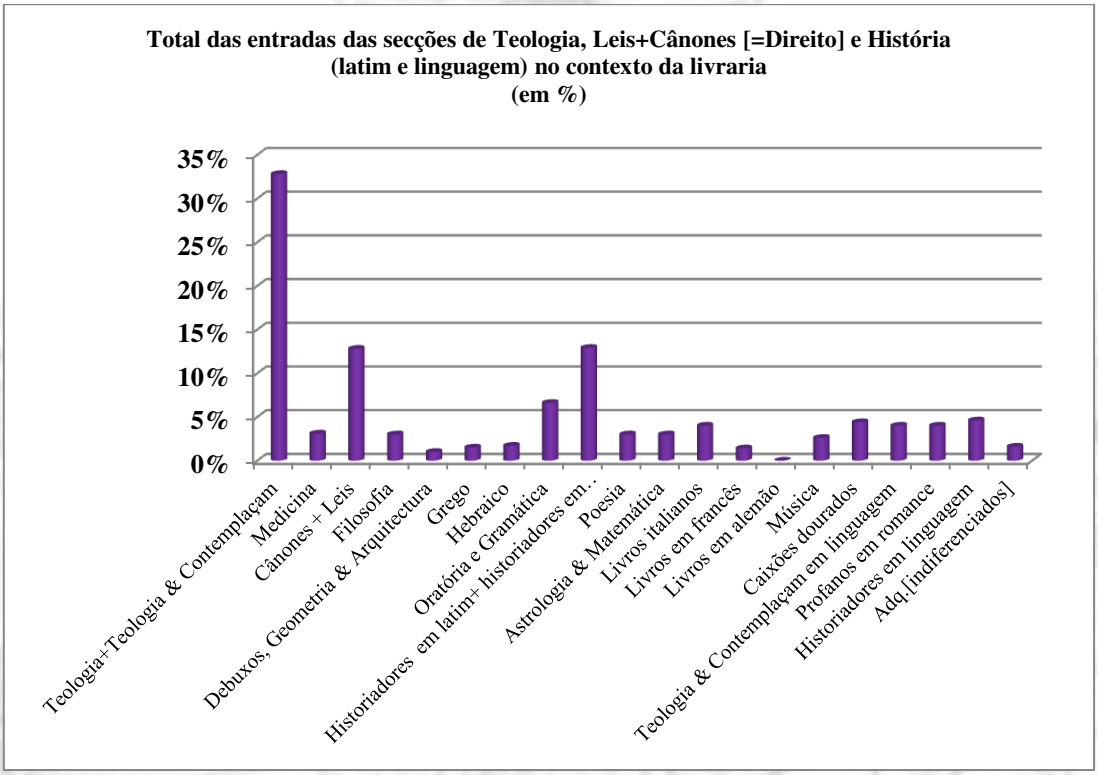
Na verdade, nela encontramos uma elevada percentagem de autores contemporâneos; edições, em grande quantidade, de autores clássicos, recentes ou muito recentes (década de cinquenta do século XVI); inclui, de forma substancial, obras que revelam quer a Europa na sua dimensão de continente quer os novos mundos que se abrem, que se relatam, que se descrevem; é uma livraria inscrita numa dinâmica ibérica e europeia no que respeita à aquisição e circulação do livro. Finalmente, no seu conjunto, surge também como uma livraria aristocrática, onde modelos e práticas próprias do grupo social da nobreza se mostram em múltiplas das suas facetas: uma cultura escrita dos poderes e dos modelos do perfeito príncipe, a memória da linhagem, a arte militar e a guerra, a caça, a fruição e o prazer da literatura e da leitura.

Mas sendo uma biblioteca em que as várias correntes da espiritualidade dos séculos XV e XVI estão presentes, ela mostra-se também uma livraria de transição em termos ideológicos, reflectindo as tensões e inquietudes contemporâneas, como acontece com as várias e recentíssimas obras de polémica religiosa que nela se encontram. Dir-se-ia que, num contexto de inflexão ideológica e religiosa como a que se vivia, as obras de grandes figuras da teologia católica eram as armas - ou algumas delas - do combate ideológico e da fundamentação teológica imprescindíveis ao mundo católico, também em Portugal, apesar da residual expressão do luteranismo entre nós, num momento em que deixara de existir a Cristandade após a ruptura luterana.

O lugar da história na livraria de D. Teodósio

A segunda maior secção de toda a livraria, logo depois da Teologia é a dos "*Historiadores em latim"*, com 130 entradas (8,25%); se adicionarmos as 74 entradas relativas aos "*Estoriadores em lingoagem*", as obras de história ascendem a 204, correspondendo a

12,96% do total. E existem ainda crónicas em vulgar noutras secções, o que fará subir um pouco esta dimensão quantitativa. O gráfico seguinte, agrupando todos os livros de Teologia (Teologia e Teologia e Contemplação), jurídicos (Leis e Cânones) e História (em latim e linguagem), mostra que, em termos absolutos, a História é a terceira matéria mais representada na livraria ducal.

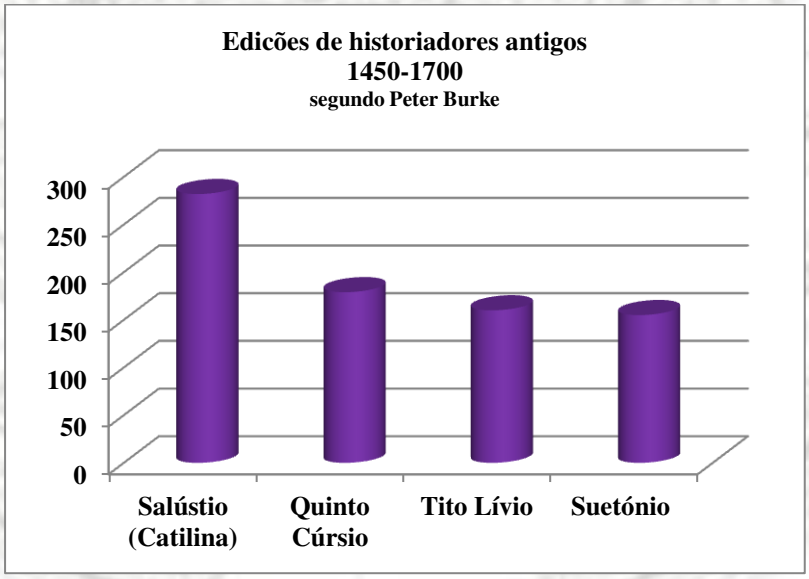


O lugar da história na livraria ducal está, sob o ponto de vista ideológico, em consonância com um dos traços mais permanentes da cultura nobiliárquica desde a Idade Média: uma declarada predilecção pela memória e pelo exemplo *verdadeiro* veiculado pelas crónicas, que deveria ser privilegiado pelos príncipes e grandes senhores. A superioridade intrínseca das crónicas residia no facto de se considerar que estas veiculavam factos realmente acontecidos, merecedores de memória e polarizadores do exemplo, enquanto os livros de cavalaria constituíam "*patrañas fingidas*" (Gracián) e traziam a decepção, a ilusão e o engano[38]. O que não quer dizer, bem pelo contrário, que os livros de cavalaria e as suas ficções

[38] É emblemática a posição de Diego GRACIÁN, tradutor dos *Moralia*, que estabelece o confronto entre "[...] *estos libros fingidos de cauallerias y patrañas fingidas*[...]", e o exemplo não só verosímil, mas verdadeiro, das histórias veiculadas por Plutarco. No fim de uma longa diatribe (fols. 8-9), conclui, dirigindo-se ao imperador Carlos V, a quem dedica a obra: "*Assi que en lugar de Tristanes / Reynaldos florisandos / primaleones Palmerines y Duardos y otros cien mil tales que hinchen los papeles de mentiras donde muchas personas muy amenudo gastan sus buenas horas por medio desta traslacion tomaran vn passatiempo no menos prouechoso que deleytable y honesto los que quisieren gozarlo en conoscer quiê fueron Emperadores*

heróicas não fossem muito apreciadas, nomeadamente na corte e no mundo aristocrático, sobretudo após a revivescência dos modelos cavaleirescos de raiz medieval com a publicação do *Amadis de Gaula*, em 1508. E bem como os relatos, descrições e "peregrinações" por mundos extra-europeus, avidamente procurados e lidos desde a Idade Média, também os testemunhos da Expansão marítima na Europa moderna, desvelando aos olhos europeus novas terras, gentes e culturas, vinham, no que diz respeito à escrita da história, apesar do seu pressuposto essencialmente – embora não sempre - eurocêntrico, reconfirmar a concepção de uma intrínseca superioridade da "*vera história*" sobre a ficção.

Na confluência do valor exemplar da história e, em simultâneo, da revivescência da cultura clássica no Renascimento, a secção dos historiadores em latim inclui um grande número de historiadores da Antiguidade greco-latina, cuja difusão europeia foi potenciada pela tipografia humanista. César, Tito Lívio, Salústio, Quinto Cúrcio e Suetónio contam-se entre os historiadores então mais difundidos, com um grande número de edições, entre meados do século XV e finais do século XVII - para o período considerado, Peter Burke contabiliza 155 edições de Suetónio, 160 de Tito Lívio, 179 de Quinto-Cúrcio ou 282 do *Catilina* de Salústio[39].



A livraria do duque D. Teodósio traduzia, pois, esta importância central da história antiga e este "fervilhar" da sua circulação editorial a uma escala cada vez mais vasta. Na

/ Reyes / Principes / y efforçados capitanes y otros varones y mugeres illustres dignos de memoria [...]". *Morales de Plutarco traduzidos de lengua griega en castellana*, Alcalá de Henares, 1548, *Prologo*, fol.9.

39 BURKE, Peter. "Da popularidade dos historiadores antigos", in *O mundo como teatro. Estudos de antropologia histórica*, Lisboa, Difel, 1992, pp. 171-193.

livraria ducal encontravam-se ainda muitos outros autores centrais da cultura histórica antiga, como Plutarco, Xenofonte, Tito Lívio, Salústio, Suetónio, Júlio César, Quinto-Cúrsio, muitos deles presentes ainda noutras secções deste inventário, mas também autores menos conhecidos, como Hegésipo[40], Eliano[41] ou Arriano[42], compondo um conjunto extraordinariamente relevante.

Além da historiografia/geografia greco-latina, a livraria de D. Teodósio mostra-se muito actualizada no que respeita aos autores contemporâneos. Apesar do processo, em curso no século XVI, de valorização das línguas vulgares, o latim era, ainda, a língua veicular por excelência na circulação europeia da alta cultura; por isso encontramos nesta secção muitos autores dos séculos XV e XVI cujas obras, com o intuito de alcançarem maior divulgação, foram escritas e publicadas em latim. Alguns exemplos ajudam a compreender como o horizonte geográfico e cultural da própria Europa se ia alargando, incorporando regiões que haviam permanecido, durante séculos, numa relativa obscuridade civilizacional. Para além das novas terras para lá dos oceanos, matéria para muitos historiadores, nomeadamente portugueses e castelhanos, a livraria de D. Teodósio exprime esse interesse por uma Europa que se descobre e que se quer conhecer: crónicas latinas da Dinamarca, da Escandinávia, da Polónia, da Hungria, da Albânia e até uma descrição contemporânea da Grécia, acompanhada de precioso mapa, mas também crónicas de Inglaterra, Alemanha, Borgonha, França, além de várias cidades italianas, integram a secção da historiografia em língua latina.

Num outro plano, notemos que a secção dos historiadores em latim deixa também bem patente como, no Renascimento, os laços entre geografia e história eram muito estreitos, como sucede com vários autores e obras, como o geógrafo e historiador grego Estrabão (†c.24) e o seu *De Situ Orbis* (nºs 4270 e 4390),Solino e Pompónio Mela[43], Plínio *o Velho* (†79) e a *Naturalis Historia*[44], a *Geografia* de Cláudio Ptolomeu, (†c. 168)[45] ou, de autores

40 HEGÉSIPO (séc. II) foi autor da obra *Historiographi Fidelissimi Ac Disertissimi et inter Christianos Antiquissimi Historia De Bello Iudaico. Seeptri Sublatione. Iudaeorum Dispersione* […].

41 Claudius AELIANUS (†c. 235), autor e professor de retórica, profundo conhecedor da língua grega. A *Varia Historia (Ποικίλη Ἱστορία*) é uma miscelânea de anedotas e pequenas biografias de autores, heróis e atletas famosos da Antiguidade. Ed*. princeps* 1545, só latina 1548.

42 Lucius Flavius ARRIANUS (†160), ou Arriano de Nicomédia, historiador romano de origem grega, *Anabasis Alexandri* [=*De Rebus Gestis Alexandri Magn*i]. É a sua principal obra, considerada uma das mais importantes fontes das campanhas de Alexandre.

43 Caius Julius SOLINO (séc. III) e Pompónio MELA (†43-50), *Caii Iulii Solini Polyhistor, Rerum toto Orbe memorabilium Thesaurus locupletissimus. Huic ob argumenti similitudinem Pomponii Melae De Situ Orbis Libros Tres,* […]. O *De Situ Orbis* de Mela foi das principais fontes dos conhecimentos de geografia durante séculos. É talvez esta a edição junta com Caius Solinus.

44 Gaius Plinius Secundus, conhecido também como Plínio, *o Velho*, naturalista romano. Trata-se da sua obra enciclopédica, escrita c. 77-79 dC, em que Plínio coligiu muito do saber do seu tempo, e que se tornou o modelo do género. Outro exemplar na secção de filosofia.

contemporâneos, além das crónicas europeias citadas, a *Cosmographia* de Sebastião Münster (†1552), presente nesta secção.

Passemos agora a uma breve referência à secção contígua dos"*estoriadores em lingoagem*". A secção é composta por 74 entradas, mas o universo cronístico em vulgar é, no seu conjunto, mais substancial, porque aparecem crónicas noutras secções, como por exemplo na dos livros em francês ou italiano mas, acima de tudo, na secção de "*profanos em romance*", onde surgem em português e castelhano. Trata-se, em todo o caso, apesar do título, de uma secção com alguma heterogeneidade temática, onde encontramos obras que hoje não classificaríamos desta forma. Nela coexistem obras de historiadores clássicos, tardo-medievais e contemporâneos em vernáculo, com muitas traduções de autores latinos e gregos para língua vulgar - de forma esmagadora para castelhano - com destaque para Plutarco, Cícero, Apiano Alexandrino (90-†?), Xenofonte, Tito Lívio, Quinto Cúrcio, Flávio Josefo (†c. 100), Júlio César.

Da cronística medieval e moderna em vernáculo surgem nomes como Marco Polo (†1324), Alonso de Madrigal, *el Tostado* (†1455), Fernão Lopes (†1460), Gomes Eanes de Zurara (†1474), Diego de Valera (†1488), Tomé Pires (†c. 1540) Florián del Campo (†1555?) com várias entradas, Fernão Lopes de Castanheda (†1559), João de Barros (†1570), entre outros, e até inesperadamente o rei D. Dinis (†1325)[46]. Destaque ainda para a obra manuscrita e "*com algûmas fortalezas debuxadas de colores*" de D. João de Castro (†1548). Em termos percentuais, os historiadores medievais e modernos constituem 81% do total desta secção, e as traduções de autores latinos 19% - todas elas para castelhano. Assinale-se ainda o apreciável acervo de crónicas em "*letra de pena*" ou "*letra de mão*", facto que evidencia como a transmissão manuscrita permanecia um sinal de "distinção", mormente nas classes aristocráticas.

Os 66 livros que integram a secção de "*profanos em romance*" constituem, como a própria designação deixa entrever, um conjunto muito heterogéneo de obras cujo traço de união é o de surgirem em "*romance*", ou seja, em português e castelhano. Em primeiro lugar, destacam-se as obras literárias e de ficção, que remetem, no quadro de um quotidiano aristocrático, para o ler e o ouvir ler – prática ainda tão enraizada mesmo dentro das elites - numa perspectiva de fruição, entretenimento e prazer: aqui encontramos, entre outras obras, o célebre e muito difundido *Laberinto de Fortuna*, ou *Las Trezientas*, poema alegórico

45 A edição *princeps*, sem os mapas, é de 1475, sendo natural que na livraria de D. Teodósio figurasse uma edição posterior e completa, a que é atribuído o elevado valor de 500 rs.

46 Descrito como *" Obras del Rej Dom Dinis feitas de Mão de pergaminho de Marqua grande em taboas foi aualiado Em outenta Reis".*

inspirado em Dante, obra maior de Juan de Mena (†1456), os não menos conhecidos *Proverbios* do marquês de Santillana[47], nomes grandes da poesia castelhana da época como Garcilaso de la Vega (†1536) e Juan Boscán (†1542)[48], dois cancioneiros castelhanos, um deles certamente o *Cancionero General* de Hernán del Castillo[49], e o *Cancionero* de Juan del Enzina[50], várias obras de Fr. Antonio de Guevara, um dos autores castelhanos mais lidos e editados no século XVI, novelas como a *Historia de Aurelio y Isabella* de Juan de Flores († ?)[51]. Mas também a *Miscelânea* de Garcia de Resende, as obras de Gil Vicente[52], bem como traduções castelhanas de Dante[53] e de Petrarca[54], evidenciando, uma vez mais, a presença da cultura literária renascentista italiana no mundo ibérico no século XVI, e a sua "refracção" em Portugal tantas vezes através das edições em língua castelhana.

Outro núcleo relevante nesta secção são crónicas e relações de acontecimentos e realidades geográficas europeias e extra-europeias, aqui presentes de uma forma relativamente aleatória, e não em grande número; na verdade, a esmagadora maioria das crónicas em vulgar encontram-se na secção dos "*historiadores em lingoagem*". Em todo o caso, merecem destaque a obra *Los claros varones de Castilla* de Hernando del Pulgar (†1492), cronista dos Reis Católicos, em cópia manuscrita[55], também em manuscrito a incompleta *Historia de las Indias* de Gonzalo Fernández de Oviedo (†1557)[56], a *Relación* de Álvar Núñez Cabeza de Vaca, pelo menos uma das não menos famosas *Cartas de Relacion* do conquistador Hernán Cortez (†1547), o *Libro de Grandezas y cosas memorables de España* de Pedro de Medina (†1567?), cosmógrafo-mor de Espanha, o raríssimo *Livro da origem dos Turcos he de seus Emperadores* de Frei Diogo de Castilho, publicado em Lovaina em 1538, ou a *Chorographia* de Gaspar Barreiros(†1574), publicada em Coimbra em 1561[57].

---

47 Iñigo LÓPEZ DE MENDOZA (†1458), 1º marquês de Santillana, homem político e prestigiado poeta de influência italianizante. Os *Proverbios* foram escritos em 1437, para a formação do jovem príncipe Henrique, filho do rei Juan II de Castela. Ed. *princeps* 1494.

48 Trata-se decerto da edição conjunta com o título *Las Obras de Boscán y algunas de Garcilaso*, Lisboa, Luís Rodrigues, 1543. A ed. *princeps* castelhana é do mesmo ano.

49 Com ed. *princeps* 1511 e modelo de muitas outras compilações do género, como o *Cancioneiro Geral* de Garcia de RESENDE, publicado em 1516.

50 Juan del ENCINA (†1529), dramaturgo, humanista, músico e cantor. Ed. *princeps*, Sevilha, 1496 .

51 Juan de FLORES, escritor do pré-Renascimento espanhol, *Historia de Aurelio y Isabella hija del Rey de Escocia: mejor corregida que antes, puesta en español y francês*.

52 É a *Copilaçam…,* Coimbra e Lisboa, João Álvares, 1562.

53 Pensamos tratar-se da seguinte tradução, sem nome da obra mas é a *Commedia*, não sabemos se nesta edição ou outra: *La traducion del Dante de lengua toscana en verso castellano por el reverendo D. Pedro Fernandez de Villehas* […] *allende otros glosadores* […], Burgos, Fradique Aleman, 1515.

54 A 1ª tradução castelhana completa de *Los Triunfos* é de 1512, por Antonio de Obregon y Cerecedo, com belas gravuras e miniaturas, reeditada em 1526, 1531, 1532 e mais edições.

55 A respectiva edição *princeps* é de Toledo, 1486. Em edições posteriores *Castilla* passa a *España*.

56 A 1ª parte da obra deste historiador espanhol foi editada em 1535, e a 2ª interrompida com a morte do autor, e só completada a edição no século XIX.

57 Antiquário e geógrafo, sobrinho de João de Barros.

Não podemos deixar de assinalar a presença de duas obras capitais da arte de navegar e da guerra: a célebre *Arte de Navegar,* com grande difusão em toda a Europa, do já citado Pedro de Medina, publicada em 1545[58], a *Arte da guerra do mar*, de Fernão de Oliveira († c. 1581), impressa em Coimbra, por João Álvares, em 1555, e ainda um "*Caderno de arte militar*", impresso, cuja identificação é impossível. Relacionada com estes saberes intrínsecos à ideologia aristocrática, a táctica e a estratégia militares estão ainda presentes através de uma outra importantíssima obra, *L'Arbre des batailles*, tratado medieval sobre a guerra e as suas leis, de Honoré de Bonet ou Bouvet (†c.1410), que surge em cópia manuscrita na livraria ducal[59].

Mas também noutras secções, como a de "*Liuros Italianos de Diuersas Materias*" com 58 entradas encontramos a história, antiga e recente, de que, entre muitos, damos apenas três exemplos relevantes: Tito Lívio (†17 dC), *Le Deche di Tito Liuio trad. de Ab Urbe Condita*, com edição *princeps* em 1493, e grande número de edições latinas e italianas; há também "*hûa parte de Titu Liuio de Letra de mão*"; cópia manuscrita parcial de uma tradução italiana. Obra de grande interesse é a de Giovanni Leone dell'Africa/Al-Hasan inb Muhammad al-Wassal al Fasi (†1554) *Della Descrittione dell'Africa et delle cose notabili cheiui sono*. O 1º tomo é sobre África e o 2º sobre as navegações para as Índias Orientais e Ocidentais. De Andrea Cambini (†1527), historiador florentino, o *Libro d'Andrea Cambini Florentino della origine dei Turchi et imperio delle Ottomanni,* com 4 edições publicadas entre 1529 e 1538.

Entre os "*Liuros em frances"*a cronística e a história, além do humanismo, estão também presentes, sendo que um número apreciável de entradas, porventura por incompreensão da língua francesa de quem redigiu o inventário não são identificáveis, seja porque o nome do autor é omisso, ou demasiado vago ou adulterado para se chegar a uma identificação positiva. A obra descrita como "*Cronica de Frocaldo*" suscita-nos dúvidas, inclinando-nos para a hipótese de se tratar do cronista Jean Froissart (†1404), mas sem que possamos confirmá-lo[60]. Ao contrário, a presença do cronista Enguerrand de Monstrelet

---

58 *Arte de Navegar, en que se contienen todas las reglas, declaraciones secretos y avisos a que la buena navegacio son necesarios, y se deve saber*. A ed. *princeps* é de 1545, e alcançaria larga difusão europeia, em castelhano mas também em tradução para várias línguas.

59 Descrito como "*Aruore de Batalhas escrito de maõ* […] *aualiado em seiscemtos reis – 600*". A obra de Bouvet teve grande difusão: conhecem-se 86 manuscritos franceses, 11 traduções para várias línguas; 9 edições impressas entre 1477 e 1515. Existiu uma *Arvore das Batalhas* na livraria do rei D. Duarte.

60 As crónicas de Froissard são crónicas da história medieval inglesa escritas em francês, cobrindo os anos de 1322 a 1400 e descrevem os acontecimentos da 1ª parte da Guerra dos Cem Anos. Existem mais de 100 manuscritos destas crónicas. Uma das primeiras edições impressas foi publicada com o título *de Croniques de France, d'Angleterre, d'Escoce, d'Espaigne, de Bretaigne, de Gascongne, de Flandres et lieux circunvoisins"*, 4 tomes, Paris, Antoine Verard, [ca. 1498].

(†1453), continuador de Froissart, é inequívoca[61]. Outra zona com revelo são os livros relativos à arte da guerra, com 3 entradas, duas das quais da mesma obra, talvez as *Instructions sur le fait de la guerre*, obra atribuída a Guillaume du Bellay (†1543), historiador e diplomata francês mas sobre cuja identificação persistem dúvidas, sendo hoje a respectiva autoria atribuída a Raymond Fourquevaux (†1574), barão de Rouers[62], e um "*Offiçio de Capitam de guerra*". São ainda de destacar quatro obras traduzidas para francês. São elas a *Aethiopica* - *L'Histoire aethiopique* em tradução francesa - de Heliodoro (séc. III), escritor grego, bispo cristão de Thessaly (?), a mais longa novela grega da Antiguidade, traduzida do grego para francês pelo humanista Jacques Amyot[63], presente ainda em versão latina e em castelhano. Sendo a mais importante obra de Heliodoro, não é uma obra histórica, mas de ficção com apontamentos históricos, e foi lida como um romance de cavalaria na Idade Média e no Renascimento; de Júlio César (†44aC) *Le Livre des commentaires de Cesar sur le fait des batailles de Gaule*, tradução de Robert Gaguin (†1501) da obra *De Bello Gallico*[64].

Outros cronistas franceses, na secção de historiadores em latim, estão também representados nesta livraria, como Paul Émile, Arnould de Ferron, Guillaume Paradin, Robert Gaguin (2 entradas da mesma obra), bem como historiadores alemães, também entre os historiadores em latim, Sebastian Münster, Albert Krantz, Johannes Vergennhans (Nauclerus), Bernhard von Breydenbach, Johan Bhöeme (duas entradas). Situação semelhante se passa com os autores ingleses, que surgem disseminados pelas secções do inventário e apenas através de obras em língua latina. Embora não fosse inglês, Polidoro Vergílio Castellenus (†1555), historiador italiano, esteve ao serviço de Henrique VIII (†1547), a cujo pedido expresso escreveu a *Anglica Historia*. Na também heterogénea secção dos "*Liurinhos que estam em tres caixoiñs pequeninos dourados"* encontra-se a muito difundida *Dell'arte militare* de Antonio Cornezzano (†1484)[65]; *Dell'arte della guerra*[66] e os *Discorsi sopra le prime deca di*

61 A sua *Chronique* cobre o período de 1400 a 1444, mas foi continuada por outra mão, até 1516.

62 A tradução das *Instructions sur le faict de la guerre* para italiano, de Mambrino Roseo, existe entre os livros italianos com o título (omisso) de *Tre libri della disciplina militare tradotti nella lingua italiana*, Veneza, Michele Tramezzino,1550.

63 *L'Histoire aethiopique de Heliodorus contenant dix livres* […]*, traduit du grec en françois par Jacques Amyot,* Paris, 1547. *Aethiopica* é a mais famosa obra de Heliodoro. Havia outros 2 exemplares na livraria.

64 Obra dedicada ao rei Carlos VIII. Edição *princeps* em 1485, teria grande número de edições.

65 A respectiva edição *princeps* é de 1494, a que se seguiram muitas outras no século XVI.

66 Descrito como "*Niculao Machaueli* [sic] *de arte da guerra*", escrita em 1519-20. Edição *princeps* 1521, com grande número de edições no século XVI, pelo que se torna impossível, como em tantos outros casos, identificar a edição presente na livraria.

Tito Livio[67] de Nicolau Maquiavel (†1527); Paolo Giovio (†1552/3) e o *Commentario de le cose de' Turchi*, publicado em Roma em 1531.

Para finalizar, as tabelas seguintes, relativas aos historiadores antigos e modernos, em latim e em linguagem, presentes na livraria de D. Teodósio, mostram o lugar privilegiado da história nesta livraria aristocrática do Portugal de Quinhentos.

HISTORIADORES EM LATIM IDENTIFICADOS

Nome	Nº de entradas
Aeneas Silvio Piccolomini	2
Albertus Crantius	2
Ammianus Marcellinus	1
Antonio de Nebrija	1
Arnould Le Ferron	1
Bartholomeo Sacchi Platina	3
Bernhard von Breydenbach	1
Caio Plínio Segundo	1
Carlo Sigonio	1
Claudius Aelianus	1
Cornelius Nepos	1
Diógenes Laércio	1
Diogo de Teive	1
Dionísio de Halicarnasso	1
Estrabão	2
Eusébio de Cesareia	1
Eutrópio	2
Flavio Biondo	2
Flavio Filostrato	1
Flavio Josefo	2
Giacomo Filippo Foresti	1
Guillelmo Paradino	2
Giovanni Battista Egnazio	1
Giovanni Boccaccio	2
? e Giovanni Boccaccio	1
? e Giovanni Boccaccio	1
Giovanni Pontano	1
Hegésipo	1
Heliodoro	1
Heródoto,Tucídides, Diodoro Sículo	1
Johan Huttich e Simon Grynaus	1
Johannes Bohëme	2
Johannes Nauclerus	1
Johannes Pierii Valeriani	1
Johannes de Thurocz	1
Johannes Vaseus	1
Júlio César e Plutarco	1
Lilio Gregorio Giraldi	1
Lorenzo Russio	1
Lucius Florus e Políbio	1
Lucius Flavius Arrianus	1
Marcantonio Sabelico	3
Marco Juniano Justino	3
Marin Barleti	1
Martin Cromer	2
Nicolaus Mameranus	1
Nikolaos Sophianus	1
Olaus Magnus	1
Paolo Giovio	2
Paul Émile	1
Pietro Martire d'Anghiera	1

[67] Descrito como "*Discursos de Machavelo* [sic]", escrito em 1517 e com edição *princeps* em Florença, Bernardo di Giunta, 1531, a que se seguiram muitas outras, qualquer delas passível de figurar na livraria.

Plutarco	**1**
Poliodoro	**1**
Pompónio Mella	**3**
Ptolomeu	**1**
Quinto Cúrsio	**2**
Robert Gaguin	**2**
Roberto Valturio	**1**
Salústio	**1**
Salústio e Suetónio	**1**
Saxo?	**1**
Saxo Grammaticus	**1**
Sebastian Münster	**1**
Solino e Pompónio Mela	**1**
Suetónio	**3**
Tácito	**2**
Tito Lívio	**3**
Tito Lívio e Justino	**1**
Vegécio	**2**
Xenofonte	**3**

HISTORIADORES EM LINGUAGEM IDENTIFICADOS

Nome	Nº de entradas
Afonso X	**1**
Alonso de Madrigal	**1**
Alonso Fernández de Madrid	**1**
Frei Antonio de Guevara	**1**
Apiano Alexandrino	**2**
D. Dinis	**1**
Diogo López de Cordegana(atrib.)	**1**
Fernán Sánchez de Valladolid	**2**
Fernão Lopes	**1**
Fernão Lopes de Castanheda	**2**
Flávio Josefo	**2**
Florián del Campo	**3**
Francisco de Mendanha	**1**
Giovanni Leone dell'Africa/Al- Hasan ibn Muhammad al-Wassai al Fasi	**1**
Gomes Eanes de Zurara	**1**
Hernán del Pulgar	**2**
Huan Señedo	**1**
[Santo Isidoro de Sevilha]	**1**
Jacomo Fontano e?	**1**
Jeronimo Sempera	**1**
João de Barros	**2**
D. João de Castro	**1**
Juan de Ortega	**1**
Júlio César	**1**

Marco Polo	**2**
Marco Túlio Cícero	**1**
Matteo Maria Bocardo	**1**
Paolo Giovio	**1**
Pedro de Alcocer (pseud. de Juan de Vergara)	**1**
Pedro de Valdès	**1**
Pedro Díaz del Corral	**1**
Pedro López de Ayala	**1**
Pere Antoni Beuler	**1**
Plauto	**1**
Plínio	**1**
Plutarco	**1**
Polidoro Vergílio	**1**
Quinto Cúrsio	**1**
Sexto Julio Frontino	**1**
Tito Lívio	**1**
Tomé Pires	**1**
Valério Máximo	**1**
Xenofonte	**1**